

SINAL VERMELHO

Placa de protesto em frente a uma das dezessete usinas nucleares da Alemanha: o governo promete desativá-las até 2022

MICHAEL PROBST/AP

RENDIÇÃO NUCLEAR

Pressionado pelos humores do eleitorado, o governo alemão anuncia o fim gradual dos reatores no país

FILIPE VILICIO

A energia nuclear carrega uma aura de suspeição mais por motivos psicológicos do que práticos. Desde que os Estados Unidos lançaram as bombas atômicas sobre as cidades japonesas, pondo fim à II Guerra, a energia nuclear ficou associada à morte e à destruição. Nos anos 70, opor-se à eletricidade produzida a partir do átomo era o prato preferido de ambientalistas e também de uma categoria política ruidosa, agora extinta, a dos pacifistas. Na década seguinte, o acidente na usina nuclear de Chernobyl, que lançou uma nuvem de radioatividade sobre a Europa, parece confirmar esse caráter sinistro e perigoso. Esse quadro se reverteu nos últimos trinta anos. A tecnologia nuclear, mais segura e barata, ressurgiu diante da opinião pública

como uma opção limpa e eficiente de gerar energia. Muitos ambientalistas passaram a advogar seu uso como alternativa ao emprego de combustíveis fósseis, que são responsáveis diretos pelos gases do efeito estufa que arruinam a atmosfera do planeta.

Esse cenário favorável estremeceu diante do acidente ocorrido na usina nuclear de Fukushima, no Japão, em março. Ninguém morreu em Fukushima, mas o impacto psicológico do desastre foi tremendo — o pesadelo da nuvem radioativa invisível e maligna tornou-se novamente uma poderosa arma política. Em nenhum país a reação popular se fez sentir mais do que na Alemanha. Logo após o acidente de Fukushima, 250 000 alemães foram às ruas pedir que o país abandone a produção de energia derivada do urânio, carregando cartazes com dizeres como “Atenção a Fukushima — desliguem todas as usinas nucleares”. O movimento antinuclear na Alemanha não arrefeceu mesmo no período em que as usinas recuperaram sua reputação. Sensível aos humores da opinião pública — por questões eleitorais, não

ecológicas —, a chanceler Angela Merkel rendeu-se. Na segunda-feira passada, ela anunciou um plano de desligar gradualmente as dezessete usinas nucleares do país até 2022. “Acreditamos que podemos mostrar a outros países que tomarem a mesma decisão que é possível crescer, criar empregos e ter uma economia próspera com uma capacidade energética focada em recursos renováveis e seguros”, ela discursou.

A decisão da chanceler alemã representa uma reviravolta no que seu governo sempre defendeu. Em 2000, seu antecessor, o socialista Gerhard Schroeder, havia anunciado o fechamento das usinas nucleares da Alemanha até 2022. No ano passado, a chanceler postergou a decisão em doze anos. Merkel voltou atrás por motivos políticos. Dois dos dezesseis estados alemães ainda terão eleições locais neste ano. Uma derrota nesses pleitos de seu partido, a União Democrática Cristã, seria um desastre que poderia respingar nas eleições de 2013. Investir contra a energia nuclear é uma forma de Merkel arregimentar votos nos dois principais